

A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE E SUAS RELAÇÕES COM A REDUÇÃO DO CONSUMO DE CRACK

PAOLA DE OLIVEIRA CAMARGO¹;
LIENI FREDO HERREIRA²; SUÉLEN CARDOSO LEITE BICA³; MICHELE
MANDAGARÁ DE OLIVEIRA⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – paolacamargo01@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – lieniherreiraa@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – suellehn@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – mandagara@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O uso de drogas é uma temática que está sendo discutida cada vez mais dentro do âmbito da saúde pública e social. Porém o uso de crack por mulheres ainda é um tema pouco explorado se pensarmos nas questões subjetivas que podem envolver o consumo com o processo de ser mulher e muitas vezes vivenciar experiências como a da maternidade (CAMARGO, 2014).

Deve-se pensar que a questão principal não é apenas o uso da substância, mas a relação que a pessoa estabelece com ela. Essa relação pode influenciar suas interações com o seu contexto social e cultural e com a sua própria dinâmica de vida (MARANGONI; OLIVEIRA, 2013).

É importante pensar que este fenômeno do uso de drogas entre as mulheres pode estar relacionado por processos de ordem social, cultural e familiar e que estas influências externas podem interferir em questões como a experiência da maternidade, por exemplo, ou a maneira como essas mulheres irão lidar com a questão do consumo e de ser mãe.

A experiência da maternidade pode ser delicada para mulheres que usam drogas, pois muitas vezes se sentem incapazes de assumir a responsabilidade e a tarefa de ser mãe. A insegurança e frustração que sentem por não se enquadarem no papel de boa mãe exigido pela sociedade, as fazem transferir para a substância a culpa pelo fracasso da vivência com os seus filhos (SOUZA, 2013).

Neste sentido, este trabalho tem como objetivo compreender como o nascimento de um filho e a experiência da maternidade em mulheres usuárias de crack pode influenciar na relação de entrada, saída ou intensidade do uso da substância.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é parte integrante da dissertação de mestrado intitulada “A visão da mulher usuária de cocaína/crack em relação à experiência da maternidade: vivência entre mãe e filho”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Consiste em uma pesquisa qualitativa, com referencial antropológico, realizada com cinco mulheres que tivessem utilizado crack na gestação.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de maio e agosto de 2014, através de entrevistas semi-estruturadas, observação participante e construção de diários de campo. Os dados foram coletados na residência das participantes e no contexto e território em que as mesmas estavam inseridas.

Após o término da coleta, as entrevistas foram transcritas na íntegra, lidas e interpretadas, juntamente com as observações registradas nos diários de campo. Para análise dos dados utilizou-se da Teoria Interpretativa, proposta por Clifford Geertz (2008). No Interpretativismo é necessária uma descrição densa sobre cada questão, a descrição etnográfica é interpretativa e visa a compreensão dos signos e significados. Para isso o pesquisador deve ser capaz de sentir tudo o que se encontra ao seu redor, vivenciar os fatos e após realizar a reflexão interpretativa.

Os nomes das mulheres foram substituídos por nomes de flores e das crianças por nomes de princesas e super-heróis, conforme escolha da participante, garantindo e respeitando o anonimato de todos os envolvidos na pesquisa.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem, pelo parecer 643.166. Todos os princípios éticos considerados para a elaboração da pesquisa foram ao encontro da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, sobre Pesquisa com Seres Humanos (BRASIL, 2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Marangoni e Oliveira (2013) relatam que muitas vezes mães usuárias de drogas estabelecem uma relação de exclusividade com a substância, não somente por opção e escolha, mas também pela falta de apoio social/familiar e de acesso aos serviços de saúde. Consequentemente tende a crescer o movimento de negação da maternidade por essas mulheres, principalmente em razão do preconceito e estigma que sofrem por serem julgadas incapazes de cuidar e criar seus filhos.

As mulheres nessas condições de abuso de substâncias se encontram na dualidade de ser “boa mãe” ou não. Isto para elas se baseia em abrir mão da droga para cuidar dos filhos ou o fato de não conseguir abandonar o consumo e escolher entregar a criança aos cuidados de parentes, da adoção ou até mesmo de estranhos. O ser mãe, gerar uma nova vida e a responsabilidade que isso acarreta, gera sentimentos como medo, culpa, dúvidas e incertezas. Muitas vezes mulheres usuárias de drogas não sabem se vão conseguir abandonar o uso e essa pode ser uma decisão sofrida e dolorosa (OLIVIO, GRACZYK, 2011).

Porém esses anseios e dificuldades podem ser vivenciados por qualquer mulher durante a experiência da maternidade, independente do uso de drogas ou não. A substância é apenas um fator na vida dessas mulheres e o papel de ser mãe muitas vezes perpassa essa questão e envolve muitos outros fatores, como questões de ordem social, cultural, familiar, psicológicas e biológicas.

A escolha de ter um filho pode ser consequência de uma série de escolhas e o processo de se tornar mãe começa antes mesmo da concepção, quando a mulher planeja a gestação. No presente estudo, duas das participantes planejaram a gravidez. Quando planejado o nascimento de uma criança pode colaborar até para uma mudança de vida e de novas escolhas.

Para Margarida e Crisântemo a gestação foi planejada e esperada, contrariando o senso comum de que mulheres usuárias de crack não desejam ser mães ou não são capazes de vivenciar a maternidade ou de sentir amor e carinho pelos seus filhos. Margarida inclusive escolheu ser mãe novamente como ponto de partida para abandonar o uso de drogas, relatando que o nascimento da segunda filha poderia ser o motivo que faltava para mudar a sua vida. Embora a mesma

não tenha conseguido se manter abstinente de imediato, conseguiu reduzir de forma significativa o consumo até parar completamente.

Marangoni e Oliveira (2013) corroboram com este estudo e afirmam que a experiência da maternidade também pode ser um estímulo para a diminuição ou abstinência da substância. Abruzzi (2011) completa que a descoberta da gravidez é um momento de grandes mudanças que pode interferir na experiência da maternidade e consequentemente no vínculo entre mãe e filho.

Crisântemo relata muita emoção no momento do parto da filha e define que ver a filha nascer foi o que faltava para ela perceber que deveria assumir a responsabilidade de ser mãe, apesar do uso de drogas. Crisântemo ainda completa em seu depoimento que se não fosse a filha Cinderela não saberia como estaria a sua vida, pois a filha que lhe impulsionou a reduzir o uso e a evitar as recaídas.

Dama da Noite já assume que não conseguia abandonar o uso de crack, apesar do amor que sentia pelo filho. Deixar Super Man aos cuidados da avó foi a melhor opção que ela encontrou para garantir que o filho fosse bem cuidado e continuasse perto dela, pois ao mesmo tempo em que não queria cessar o uso do crack, também não queria se afastar por completo do filho. Porém, quatro meses após o nascimento de Super Man, Dama da Noite foi presa por envolvimento com o tráfico e o período que passou privada de liberdade fez com que não quisesse mais correr o risco de ficar longe do filho e, portanto após sair do presídio não voltou mais a usar a substância. Não somente o momento do nascimento, mas também a relação entre mãe e filho ou neste caso, a falta dela, pode interferir e incentivar a interrupção do uso em prol da vivência da maternidade.

Íris e Dália relatam que conseguiram diminuir o consumo em razão dos filhos, para não correr o risco de perderem a guarda dos mesmos para os órgãos responsáveis. Porém manter abstinentes por completo só foi possível após as crianças estarem maiores, com o tempo e o vínculo criado. A relação entre mães e filhos e a responsabilidade que a maternidade acarreta, mesmo que em longo prazo, pode acabar favorecendo a redução ou interrupção do consumo da substância.

4. CONCLUSÕES

O contato entre mãe e filho estimula uma mudança positiva na vida dessas mulheres usuárias de drogas. Mesmo sem conseguir muitas vezes interromper o uso por completo, elas procuram estratégias para que o consumo da substância não sobressaia os cuidados aos seus filhos.

É difícil se manter em abstinência pessoas que fazem uso de drogas, em especial de forma abusiva. O nascimento dos filhos e a experiência da maternidade, para as mulheres participantes deste estudo, influenciaram de forma positiva no padrão de consumo da substância, visto que todas de alguma forma encontraram estratégias de reduzir o uso em prol da vivência com seus filhos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRUZZI, J.C. **A experiência da gestação na perspectiva de gestantes usuárias de crack internadas em uma unidade psiquiátrica de um hospital geral.** 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de 2012:** diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: MS; 2012.

CAMARGO, P.O. **A visão da mulher usuária de cocaína/crack em relação a experiência da maternidade:** vivência entre mãe e filho. 2014. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas

GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 1 ed., 13 reimpr., 2008.

MARANGONI, S.R.; OLIVEIRA, M.L.F. Fatores desencadeantes do uso de drogas de abuso em mulheres. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.22, n.3, p. 662-70, 2013.

SOUZA, M.R.R. **Repercussões do envolvimento com drogas para a saúde de mulheres atendidas em um CAPSad de Salvador – BA.** 2013. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós Graduação em Enfermagem. Universidade Federal da Bahia.

OLIVIO, M.C.; GRACZYK, R. C. Mulheres usuárias de crack e maternidade: breves considerações. In: **II SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS**, GT 3. Londrina, 2011. Anais do II Simpósio Gênero e Políticas Públicas – GT3 Gênero e Família. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011. <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/Maria%20Cecilia.pdf>